

## O Boletim de História da Faculdade Nacional de Filosofia (1958-1963): uma crítica ao Ensino de História

VANESSA CLEMENTE CARDOSO\*

**Resumo:** Durante as décadas de 1950 e 1960 estavam em pauta a disciplina de História, sua construção e a renovação dos livros didáticos no País. Na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, o ambiente era de intenso debate em torno das propostas de reformas educacionais. Mas, além de inexistir um espaço acadêmico consolidado, havia pouco incentivo de órgãos de fomento à pesquisa; tais fatores caracterizavam ainda mais a faculdade como um espaço de atividades voltadas para o ensino, sem a sua contraparte necessária, e almejada, de pesquisa. Questionamentos acerca da inovação do ensino de História – um debate entre uma historiografia tradicional, que continuava privilegiando o positivismo e a História oficial, com seus agentes políticos, e a nova historiografia, que questionava este modelo de interpretação – refletiram-se dentro do ambiente acadêmico com a fundação do Centro de Estudos de História (CEH) em 27 de agosto de 1958, dando vida ao *Boletim de História*, uma revista elaborada por estudantes e professores. Este artigo busca apresentar os questionamentos presentes nas edições do boletim.

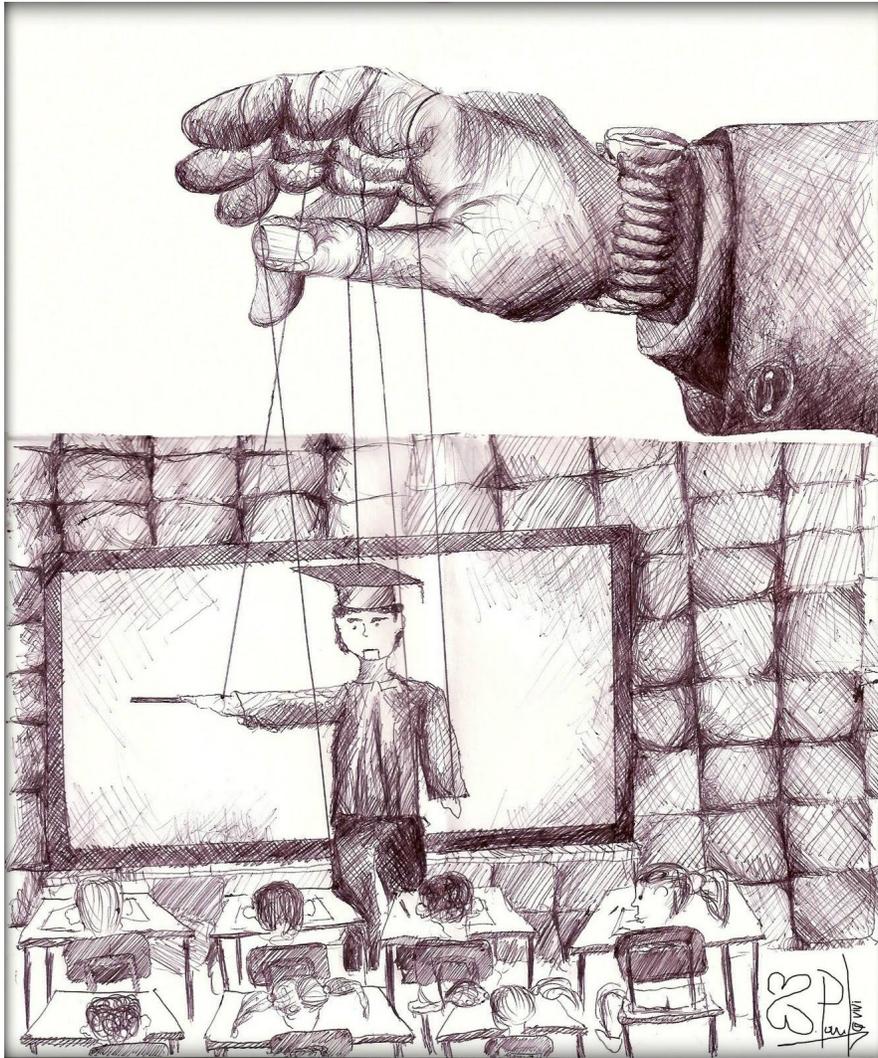
**Palavras-chave:** Boletim de História; Reforma Educacional; Escrita da História; Faculdade Nacional de Filosofia.

**Abstract:** During the 1950s and 1960s were on the schedule the discipline of history, its construction and the renovation of textbooks in the country. At the National School of Philosophy of the University of Brazil, the atmosphere was intense debate on the reform proposals education. But in addition to a consolidated academic space does not exist, there was little incentive agencies for research; such factors characterized the college even more as an activity space aimed at teaching without its necessary counterpart, and longed, research. Questions about the history of education innovation – a debate between a traditional historiography, still favoring positivism and the official history, with its politicians, and the new historiography, which questioned this model of interpretation – reflected within the academic environment with the foundation of History Studies Center (CEH) on August 27, 1958, giving life to History Bulletin, a magazine produced by students and teachers. This article aims to present the questions present in the editions of the newsletter.

**Key words:** History Bulletin; Educational Reform; Writing History; National Faculty of Philosophy.



\* VANESSA CLEMENTE CARDOSO é doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e bolsista pela Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior.



Com a implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas, a necessidade de um sistema universitário centralizador e autoritário se refletiram na Reforma do Ensino Superior proposta por Francisco Campos e implantadas pelos Decretos n°s 19.851<sup>1</sup> e 19.852<sup>2</sup>, de 11 de abril de

1931. Repercutia o debate em relação ao ensino brasileiro e a necessidade da sua institucionalização em nível superior, porém inexístia uma tradição intelectual em relação a métodos de trabalho e ensino superior como na Europa. Em consequência, muitos intelectuais estrangeiros vieram para o Brasil e foram contratados para integrar o corpo docente das instituições, a exemplo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo<sup>3</sup> e da Faculdade Nacional de

<sup>1</sup> O Decreto dispunha que o Ensino Superior no Brasil deveria obedecer de preferência ao sistema universitário, podendo ser ministrado também em institutos isolados. Além disso, previa sobre a organização técnica-administrativa das universidades.

<sup>2</sup> O Decreto dispunha sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro. É importante ressaltar que Universidade do Rio de Janeiro conferia ao formando licenciamento em História e Geografia, uma vez que neste período o curso

de história estava integrado ao curso de geografia.

<sup>3</sup> A busca por professores estrangeiros para os cursos da USP ficou a cargo de Theodoro

Filosofia da Universidade do Brasil<sup>4</sup> que buscavam a renovação e formação de elites culturais e políticas.

Inicialmente sem concursos públicos<sup>5</sup> e funcionando sob o sistema de cátedras, a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, foi um local de intenso debate e confronto. Entretanto, em 1945 foram promovidos concursos para professores catedráticos, nos quais Hélio Viana e Eremildo Luiz Vianna foram aprovados; o primeiro, para a cadeira de História do Brasil, e o último, para a cadeira de História da Antiguidade e da Idade Média. No ano seguinte, Maria Yedda Linhares foi nomeada professora assistente do professor Delgado de Carvalho na cadeira de História Moderna e Contemporânea, e em 1947 tornou-se professora catedrática da matéria.

A cadeira de História Moderna e Contemporânea<sup>6</sup> diferenciava-se das outras cátedras, nas quais os professores limitavam-se apenas a ministrar aulas expositivas, ou ainda, como na cadeira

de História do Brasil, ocupada por Hélio Vianna, na qual só as obras do próprio professor eram lidas, com a obrigação de decorar listagens de nomes e lugares (FERREIRA, s.d).

Linhares transformou sua cátedra em um espaço de renovação, vislumbrando a formação de uma nova geração de professores e a produção coletiva de pesquisas. Porém, encontrava grandes dificuldades relativas às condições materiais e intelectuais de trabalho, além de vários outros aspectos que limitavam e comprometiam o desenvolvimento de seu trabalho: faltavam pessoas qualificadas, recursos financeiros<sup>7</sup>, técnicos e científicos, os arquivos eram extremamente desorganizados, inexistia no Brasil uma tradição de pesquisa e a burocracia administrativa entravava o seu progresso.

Simultâneo aos problemas enfrentados por Maria Yedda Linhares e os demais professores da universidade, ocorria no Brasil um intenso debate acerca da reforma no ensino secundário e universitário brasileiro, investimentos na educação, reformulação da graduação, interdisciplinaridade e articulação entre o ensino e a pesquisa que se refletiram na fundação do Centro de Estudos de História (CEH) em 27 de agosto de 1958<sup>8</sup>, dando origem ao *Boletim de História* — uma revista

---

Augusto Ramos, um de seus fundadores. Conforme o arquivo histórico da instituição foram contratados professores da França, Itália, Alemanha, Portugal e alguns que já residiam no Brasil. Dentre os nomes citamos alguns: Paul Arbousse-Bastide, Etienne Borne, Fernand Paul Braudel, Claude Lévi-Strauss, François Pierroux e Pierre Fromont, Francesco Piccolo, Ottorino di Fiore di Cropani, Ernst Bresslau, Heinrich Hauptmann, Hans Stammreich Francisco Rebelo Gonçalves, Fidelino de Figueiredo e Urbano Canuto Soares, entre outros.

<sup>4</sup> Foi criada em 4 de abril de 1939 pelo Decreto nº 1.190, assinado por Getúlio Vargas.

<sup>5</sup> Em 1939, o próprio Getúlio Vargas permitiu a contratação de 15 professores estrangeiros para a Universidade do Brasil.

<sup>6</sup> Dentre os objetivos gerais da Cadeira estavam o treinamento de pesquisadores, o estabelecimento de contatos com outros centros universitários do Brasil (principalmente com a USP) e a divulgação das pesquisas por meio de participações em eventos nacionais e internacionais.

---

<sup>7</sup> A cadeira de História Moderna e Contemporânea recebeu do Estado o auxílio para dois bolsistas no valor de Cr\$5.200,00 e Cr\$7.500,00 mensais, durante dez meses. Além de o tempo ser de curto prazo para o desenvolvimento profícuo da pesquisa, o valor do auxílio era baixo o que inviabilizava a dedicação exclusiva dos bolsistas, além disso, muitos alunos não se candidatavam as vagas por conseguirem auxílio maior em outras áreas.

<sup>8</sup> O estatuto do Centro de Estudos de História deveria ser avaliado e aprovado pelo Conselho Departamental da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

elaborada exclusivamente por estudantes que totalizaria em 48 artigos divididos em sete edições, entre os anos de 1958 e 1963, além de necrológios, noticiários, notas e comentários, comunicação de pesquisas, críticas de livros, documentos e revistas.

Com o intuito de contribuir para a formação cultural dos pesquisadores e preceptores, o *Boletim de História*<sup>9</sup> era uma publicação trimestral do CEH da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em colaboração com a Divisão de Educação Extra-Escolar e do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Organizada e editada pelos estudantes, a revista trazia artigos de professores catedráticos ao lado de artigos com perspectivas inovadoras acerca do ensino de história. Tratava-se de um meio de manobra da própria Comissão Diretora a fim de manter as publicações naquele ambiente heterogêneo.

A Comissão Diretora era composta por José Luiz Werneck da Silva, Pedro Celso Uchôa Cavalcanti Neto, Pedro de Alcântara Figueira<sup>10</sup>, Ondemar Ferreira Dias Júnior e Rubem dos Santos Leão Aquino. Cavalcanti Neto era quem articulava os estudantes e a Reitoria<sup>11</sup> da

<sup>9</sup> A sede do Boletim de História encontrava-se no Rio de Janeiro, na Avenida Presidente Antônio Carlos, número 40, 5º andar, sala 25.

<sup>10</sup> Pedro de Alcântara Figueira compôs a segunda diretoria (1959-1960) como primeiro secretário do Centro de Estudos de História; Pedro Celso Uchôa Cavalcanti Neto compôs a primeira diretoria (1958-1959) do Centro de Estudos de História na qualidade de tesoureiro. Ambos foram membros da Comissão Diretora do *Boletim de História* e autores da *História Nova do Brasil*.

<sup>11</sup> Devemos destacar a figura de Pedro Calmon como articulador fundamental para a edição da revista, uma vez que além de professor catedrático de História do Colégio Pedro II, da Faculdade de Filosofia de Santa Úrsula, também era Reitor da Universidade do Brasil e professor catedrático de Teoria Geral do Estado na

Universidade do Brasil e a direção da Faculdade Nacional de Filosofia para a publicação da revista.

O número inaugural<sup>12</sup> do Boletim de História que correspondeu ao trimestre final de 1958 continha uma tiragem de 60 exemplares, 52 duas páginas e foi esgotado na venda interna. Por meio da primeira edição não é possível perceber o ambiente heterogêneo de suas publicações, uma vez que foram publicadas traduções de capítulos de livros raros e artigos tirados de publicações conceituadas. Ainda sobre a primeira edição, no dia 13 de dezembro de 1958 foi enviada uma carta<sup>13</sup> redigida por Eremildo Luiz Vianna — professor catedrático de História da Antiguidade e da Idade Média e também Diretor da Faculdade Nacional de Filosofia naquela ocasião —, ao aluno e editor do boletim José Luiz Werneck da Silva, parabenizando o êxito da publicação.

Já a segunda edição, correspondente aos números 2 e 3 — triênio janeiro a março e abril a junho de 1959 —, trouxe artigos de professores da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade

---

Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil.

<sup>12</sup> Atualmente pode-se encontrá-la mimeografada na Biblioteca Florestan Fernandes da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>13</sup> Segue a carta transcrita por José Luiz Werneck da Silva na segunda edição do Boletim de História: “Venho pela presente apresentar minhas sinceras congratulações, pedindo que as transmita aos seus colegas colaboradores, pelo excelente BOLETIM DE HISTÓRIA, cujo primeiro número vem de ser publicado. Sinto-me feliz em verificar que iniciativa cultural tão interessante demonstra o ânimo de que se acham possuídos os alunos do Curso de História desta Faculdade. Auguro, portanto, para a jovem publicação extraordinário êxito, desejando que continue sempre em sua vida a merecer os mesmos cuidados recebidos de seus atuais orientadores e colaboradores.” (SILVA, 1958, pp. 130-132)

do Brasil, ao lado colaboradores estrangeiros convidados e alunos. Dentre os artigos publicados nesta edição, nos interessam aqueles que permitem traçar o ambiente efervescente das discussões acerca do

ensino de história no Brasil nas décadas de 1950 e 1960. Seguiremos o mesmo processo de seleção dos artigos com as posteriores edições de números 4, 5 e 6. Conforme o quadro a seguir:

**Quadro 1 – Artigos do *Boletim de História* com temáticas voltadas ao ensino de História e as vinculações institucionais dos autores (1959 – 1963)**

Ano e número do <i>Boletim de História</i>	Autores	Vinculação Institucional	Artigo
Ano I, n.º 2 e n.º 3. Janeiro a março e abril a junho de 1959.	Luiz Werneck da Silva; Pedro Celso Uchôa Cavalcanti Neto; Pedro de Alcântara Figueira; Ondemar Ferreira Dias Junior.	Alunos do Curso de História da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.	O que somos?
	Arthur Weiss	Licenciado em Geografia e História, era professor do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas e do Colégio Pedro II.	Por que estudar História?
Ano I, n.º 4 e Ano II, n.º 5. Julho a setembro e outubro a dezembro de 1959.	Anísio S. Teixeira	Diretor-Geral da Instrução Pública do Estado da Bahia (1924-1928), Diretor do Departamento de Educação do Distrito Federal (1931-1935), Secretário-Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal (1935), Secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia (1947-1951), professor de Filosofia da Educação da Escola de Educação do Universidade do Distrito Federal (1928-1931) e, em 1959 era professor titular da cadeira de Filosofia de Educação do Distrito Federal.	Filosofia da Educação.

	Delgado de Carvalho	Catedrático aposentado de História Moderna e Contemporânea da Faculdade Nacional de Filosofia.	A História: ligação do Presente ao Passado.
	Hélio Viana	Professor Catedrático de História do Brasil, da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil.	Revisão dos programas de História no Ensino Secundário.
	Maria Yedda Leite Linhares	Professora Catedrática de História Moderna e Contemporânea da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.	A cadeira de História Moderna e Contemporânea da F.N.F. – U.B. – Atividades em 1959.
	Francisco J.C. Falcón	Assistente da Cadeira de História Moderna e Contemporânea da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.	A cadeira de História Moderna e Contemporânea da F.N. F. – U.B. - Objetivos e Métodos.
<b>Ano III, n.º 6. Janeiro a junho de 1961.</b>	Pedro Celso Uchôa Cavalcanti Neto	Aluno do 3º ano do curso de História da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, assistente do professor Nelson Werneck Sodré no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) — ao lado de Sodré foi um dos autores da <i>História Nova do Brasil</i> .	Perspectivas atuais para uma historiografia brasileira autêntica.
	José Luiz Werneck da Silva	Bacharel e Licenciado em História (1960) pela Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil.	Aspectos gerais dos livros didáticos de História (tese de congresso).

Fonte: ALCÂNTARA FIGUEIRA, Pedro de *et al.* (org.). *Boletim de História*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2/3, jan.-mar./abr.-jun. 1959; ALCÂNTARA FIGUEIRA, Pedro de *et al.* (org.). *Boletim de História*, Rio de Janeiro, ano 1/2, n. 4/5, jul.-set./out.-dez. 1959 e ALCÂNTARA FIGUEIRA, Pedro de *et al.* (org.). *Boletim de História*, ano 3, n. 6, jan.-jun.1961.

Com a publicação da transcrição do “*Manifesto do Movimento de Reconstrução Educacional*”, redigido em julho de 1959, pelo professor Fernando de Azevedo e subscrito por

figuras de grande projeção no cenário da educação brasileira, os editores do *Boletim de História* indicavam o seu posicionamento e delineava o clima de críticas severas a vários setores da

educação no Brasil, como a redução da educação primária, pequeno número de escolas técnicas e baixo nível do ensino secundário juntamente aos problemas nas edificações e instalações escolares, professores mal preparados do ponto de vista cultural e pedagógico, baixos salários, falta de incentivo, ausência de revisão periódica de seus conhecimentos. Além disso, destacavam a falta de planejamento e ordenação em relação ao Ensino Superior Brasileiro, no âmbito público e privado.

Seguiam apontando alguns fatores que contribuíram para a situação lamentável do ensino brasileiro, como o rápido aumento demográfico nos últimos trinta anos, o processo de industrialização e urbanização seguidas das mudanças socioeconômicas; além da falta de coordenação do poder público para lidar com a situação. Além disso, delegavam a falha do sistema de ensino público aos políticos que não conseguiram prever sua expansão tomando medidas necessárias, como o aumento do número de escolas com instalações adequadas e preparação dos professores por meio de cursos de reciclagem e reconhecimento salarial. Assim, a publicação da revista seria um instrumento de luta e uma “tomada de posição científica para a História e honesta par ao Brasil” (ALCÂNTARA FIGUEIRA et al., 1959a, p. 7).

Já na edição do segundo semestre de 1959, os autores iniciaram o *Boletim de História* buscando retomar as origens do projeto e o seu sentido para os pesquisadores e estudantes do curso de história. Para os editores, ser universitário no Brasil da década de 1950 possuía um sentido de luta e realização, uma vez que ocupavam a posição de “elite privilegiada” ao alcançar os bancos universitários em um país em que apenas 0,3% atingia tal

feito e 50% da população era analfabeta. Dados estatísticos que não motivava orgulho e sim o compromisso e dever em contribuir com o crescimento da nação. Assim, o surgimento do *Boletim de História* teria se dado em decorrência da inércia das Universidades e da situação da História no Brasil:

[...] queremos simplesmente que a Universidade participe e influa no âmbito sócio-cultural em que está radicada, isto é, exista. Entendemos que, ao editarmos o ‘Boletim de História’, agimos no que se refere ao setor da História no sentido de, nesta ciência, enquadrar a Universidade no processo de vitalização por que atravessa o país. [...] A nossa revista surge, sobretudo do reconhecimento do que a História pode dar a uma sociedade que procura compreender a si mesmo, seu processo de evolução e, por conseguinte, sua História. (ALCÂNTARA FIGUEIRA et al., 1959a, pp.7-8).

A história aparece com um papel social, pois ao estudar o passado, o presente poderia ser compreendido e ainda resolvido. A História deveria “existir para o Brasil e não no Brasil”, capacitando o seu povo para a transformação política, econômica e social que o país necessitava. Neste sentido, os editores da revista, dedicam a edição aos professores do ensino secundário brasileiro que vivenciam encurralados entre a limitação de não estudarem por falta de tempo ou livros, fruto da péssima valorização salarial. Assim, a revista buscava suprir as lacunas do conhecimento limitadas pelo capital, atualizando-os, fazendo-os viver em um ambiente universitário, retirando-os das margens das instituições que ensinavam história.

Quanto à escrita da história nos compêndios brasileiros, as edições do

*Boletim de História* apresentam uma nova perspectiva criticando a forma como a ciência histórica vinha se apresentando: limitada e falsificada. Os compêndios teriam herdado a alienação cultural comum nos países colonizados e era preciso uma história sob a ótica brasileira, era preciso que o povo se enxergasse vitimados e marginalizados pelo imperialismo. Uma luta reconhecidamente árdua, pois seriam enfrentados grandes interesses.

Seguindo a proposta dos editores, Anísio Teixeira em seu artigo “*Filosofia e Educação*”, publicado na revista em 1959, também ressaltava a necessidade do desenvolvimento de uma autonomia no campo educacional desvinculando das concepções europeias e a criação de uma filosofia e educação próprias do Brasil: “Na medida em que nos fizermos autenticamente nacionais e tomarmos plena consciência de nossa experiência, iremos elaborando a mentalidade brasileira e com ela a nossa filosofia e a nossa educação” (TEIXEIRA, 1959, p. 25).

Na mesma tendência, o professor catedrático aposentado de História Moderna e Contemporânea da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, Delgado de Carvalho, em artigo intitulado “*Filosofia da Didática da História*”, enfatizava a necessidade de uma história autônoma, pensada em moldes nacionais, estabelecendo uma ligação da atualidade com o passado e apresentando um valor prático na história e maior atenção às condições econômicas e culturais, ligações entre a História e a Geografia. Arthur Bernardes Weiss também ao publicar na revista criticava o método positivista empregado nas escolas secundárias e evidenciava a necessidade da utilidade social da história, bem como a

valorização do processo de interpretação de textos e documentos históricos em sala de aula a fim de formar estudantes críticos e não discípulos de seus mestres, ou seja, dever-se-ia dar ao seu ensino de história uma orientação para uma atitude crítica.

Werneck da Silva, em seu artigo intitulado “*Aspectos gerais dos livros didáticos de História (tese de Congresso)*”, publicado no 3º ano do *Boletim de História*, no início da década de 1960, condenava o exagerado sentimento patriótico e a influência francesa nos livros didáticos utilizados nas Escolas Secundárias brasileira. Para Werneck da Silva, a História ensinada nas escolas deveria preparar o adolescente para a compreensão da realidade brasileira, na qual as classes inferiores ascenderiam na conquista de direitos democráticos, dentre eles a educação, que deixou de ser privilégio das elites dominantes.

Estas concepções também estavam presentes no artigo “*Perspectivas atuais para uma historiografia brasileira*” – publicado na 6.ª edição do *Boletim de História* –, de Cavalcanti Neto. O estudante e editor da revista destacava a necessidade de se interpretar a história nacional sob o ponto de vista brasileiro. A História deveria ser engajada, criadora de cultura e construída para a resolução dos problemas atuais. Entretanto, diante do quadro que a História do Brasil estava inserida nos programas e manuais escolares, apresentava-se repleta de contradições. Nas palavras de Cavalcanti Neto, a História brasileira estaria nos latifúndios, no subdesenvolvimento e na “subindustrialização” causada pelo imperialismo, e deveria caminhar contra estes para libertar o país de suas contradições internas, permitindo ao povo se tornar “senhor de seu destino e,

portanto, de sua História” (CAVALCANTI NETO, 1961, p. 58).

Ao passo que as publicações inovadoras iam ganhando espaço na revista, o ano de 1961 iniciava e a Reforma Universitária no Brasil permanecia engavetada. Para os editores do *Boletim de História* os principais culpados seriam os estudantes que não estariam unidos e decididos para exigí-la. Além disso, a dificuldade se daria pelos interesses atingidos, como os dos professores catedráticos interinos que sempre buscavam impedir a sua realização.

Enxergando a Reforma Universitária como uma integrante da reforma educacional brasileira, criticavam a forma como a história era ensinada nas Universidades qualificando o ensino como enfadonho, inútil e gerador de irritação entre os estudantes e finalizavam: “Não se iludam os ‘donos’ das Universidades e Faculdades. A Reforma Universitária está em andamento” (ALCÂNTARA FIGUEIRA. *et al*, 1961, p. 8). Em penúltima edição, a revista já não contava com a presença dos professores catedráticos Américo Jacobina Lacombe<sup>14</sup> e Hélio Vianna<sup>15</sup>, suas publicações tornaram-se mais políticas e teciam críticas aos professores da instituição.

Quanto à recepção<sup>16</sup> do Boletim de História, algumas publicações na imprensa nacional nos permitem compor o seu cenário. *No dia 15 de novembro de 1959, o jornal Metropolitano*, com reportagem assinada por Homero da Cunha, noticiava a revista por meio da publicação “*Boletim de Estudantes*”. Destacada como revista inédita no Brasil por ser feita exclusivamente por estudantes e ter toda a sua atividade planejada e executada pelos universitários do Centro de Estudos de História, o jornal ainda relatava as dificuldades encontradas pelos alunos:

Para fazê-la faltava tudo: papel, editor, e principalmente dinheiro. Mas sobrava o que era mais importante: uma equipe excelente e uma grande vontade de realizar. Foi assim que o Boletim saiu no último trimestre de 58 em forma de apostila, mimeografado a álcool, depois de um penoso trabalho. Mas já saiu com uma grande promessa. [...] Mas agora, graças, aos trabalhos da equipe, o Boletim já pode sair em seu segundo número, impresso (e bem) e com as características das revistas técnicas (forma de livro), além de, diga-se de passagem, poder contar com 160 páginas. (METROPOLITANO, 1959, *apud* ALCÂNTARA

<sup>14</sup> Américo Jacobina Lacombe era professor Catedrático de História do Brasil da Faculdade Católica de Filosofia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

<sup>15</sup> O professor Hélio Vianna era conhecido entre seus alunos por suas aulas “profundamente enfadonhas, exclusivamente expositivas, com relatos factuais minuciosos, sem nenhuma indicação bibliográfica [...] Não havia nenhum estímulo à pesquisa, nem com fontes, nem com bibliografia” (Falcón, 2009, *apud* Ferreira, 2013, p. 50).

<sup>16</sup> Em 1975, Hans Robert Jauss, situou o aparecimento da estética da recepção no quadro político e social dos anos 1960. Década marcada por uma juventude inconformada que mudou profundamente os padrões de comportamento direcionando a vida cultural. A universidade foi uma das instituições mais atingidas, seus cursos foram questionados, surgiram novas propostas e novos currículos. Neste contexto, em 1967, Jauss abria o ano acadêmico na Universidade de Constança (Alemanha), recusando os métodos de ensino da história da literatura considerados tradicionais e desinteressantes, assim denunciava uma metodologia presa ao positivismo do século XIX, e defendia uma nova teoria da literatura (ZILBERMAN, 1989).

FIGUEIRA. *et al.*, 1959b, pp. 190-192).

Sem subvenções, sem ajuda financeira, o jornal evidenciava a valiosa colaboração do editor Borsoi na impressão dos demais números. Além disso, noticiava que as próximas edições dedicariam um espaço maior para a orientação do magistério secundário, “tão abandonado e confuso” naquele momento, a fim de auxiliar os professores que contavam com poucas possibilidades de contato com a História. E finalmente, o noticiário destacava as publicações dos professores catedráticos Hélio Vianna e Américo Lacombe.

Ainda, conforme o noticiário o lançamento do Boletim feito em São Paulo ocorreu no dia 11 de novembro de 1959 com a presença do Reitor Professor Pedro Calmon e inúmeros universitários e mestres. Assim, podemos perceber que a circulação e recepção da revista não se limitaram apenas ao Rio de Janeiro.

Em 18 de novembro, O *Diário da Tarde*, de Juiz de Fora, também noticiou a publicação da revista destacando o seu papel como a busca pelo “aprimoramento cultural dos futuros pesquisadores dos fatos históricos numa iniciativa digna de nota [...] de ensinamentos de abalizados historiadores patricios e estrangeiros” (*DIÁRIO DA TARDE*, 1959, *apud* ALCÂNTARA FIGUEIRA. *et al.*, 1959b, pp. 189-190). O noticiário ainda tecia elogios à publicação no sentido de ter correspondido “plenamente à expectativa, quer pela divulgação de trabalhos proveitosos para os cultivadores da História, quer pela penetração que certamente alcançará”. Ademais destacava o empenho da diretoria da revista na promoção do intercâmbio entre os estudiosos.

Ainda dia 02 de dezembro, Santos Moraes divulgava no *Jornal do Commercio*, os artigos dos professores Hélio Vianna, Américo Jacobina Lacombe e Sílvio Júlio, sobre ‘O Ensino da História do Brasil’ e ‘Heurística da História do Brasil’ e ‘Linguística Ameríngena’, publicados respectivamente no boletim. Ainda citava as publicações da professora Maria Yedda Linhares, do professor L. A. Costa Pinto e do licenciado Arthur Bernardo Weiss. No dia 05 do mesmo mês, o noticiário *Manchete*, em pequena nota, destacava o esgotamento das primeiras edições da publicação.

O Diário de Notícias, em 13 de dezembro de 1959, também publicava um pequeno texto na seção Suplemento Literário, escrita por Manuel Diegues Junior, exaltando a iniciativa dos alunos do Curso de História da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, porém criticavam as publicações de número 2 e 3 por suas composições serem constituídas em grande parte por transcrição de trabalhos já conhecido: “[...] seria de esperar uma cooperação mais eficiente dos próprios professores de História com artigos originais e dos alunos, com seus trabalhos e atividades escolares. De qualquer forma, louvemos a iniciativa dos estudantes” (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 1959, *apud* ALCÂNTARA FIGUEIRA. *et al.*, 1959b, p. 192).

Além da imprensa, a própria congregação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil parabenizava a iniciativa dos estudantes por meio do envio de telegrama do Diretor Eremildo Luiz Vianna ao Centro de Estudos de História: “Satisfação comunicar Congregação vg reunião efetuada cinco corrente vg aprovou lançamento dos seus trabalhos voto louvor esse Centro motivo

publicação aspas Boletim de História aspas PT Saudações PT” (CONGREGAÇÃO, 1959, *apud* ALCÂNTARA FIGUEIRA. *et al.*, 1959b, pp. 212).

Como é possível perceber nas publicações da revista e nos noticiários dos jornais, o *Boletim de História* apresentava como proposta inicial a orientação didática do professor do curso secundário, buscando aproximá-lo e atualizá-lo com as produções acadêmicas. Porém, com o decorrer das edições, ele foi ganhando uma conotação crítica em relação à formação universitária e sua estrutura. Os textos dos professores catedráticos sob uma ótica tradicionalista vinculada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), como Américo Jacobina Lacombe, Hélio Viana e Eremildo Vianna, foram perdendo espaço para as perspectivas inovadoras, como as de Maria Yedda Linhares, Hugo Weiss e Francisco Falcón.

Os estudantes/editores do *Boletim de História* propuseram uma renovação da percepção do “mundo circundante” por meio da concretização de um processo de identificação buscando a emancipação do sujeito. Ademais, o ambiente de radicalização política que envolvia a Universidade do Brasil colocava a Faculdade Nacional de Filosofia como “foco de agitação comunista” findando a edição de futuras publicações do boletim.

Essa nova escrita da história custou caro<sup>17</sup> a dois dos editores da revista —

<sup>17</sup> Com as publicações do projeto História Nova do Brasil, pareceres assinados por Américo Jacobina Lacombe na revista do IHGB e entrevistas concedidas a jornais por Hélio Vianna contra a publicação serão utilizadas em Inquérito Policial Militar instaurado contra os autores da coleção durante a Ditadura Militar, a

Pedro de Alcântara Figueira e Pedro Celso Uchôa Cavalcanti Neto — que em projeto futuro ao lado de Nelson Werneck Sodré laçariam a “subversiva” *História Nova do Brasil (HNdB<sup>18</sup>)*. Se inicialmente as propostas do *Boletim de História* foram vistas com bons olhos pela imprensa paulista e carioca, o seu desdobramento na coleção *História Nova do Brasil* será o oposto. Estaria ali, naquele ano de 1964, com a Ditadura Militar, instaurada a caça aos “bruxos” da nova história, a caça daqueles que ousaram violar a memória.

#### Referências

ALCÂNTARA FIGUEIRA. *et al.* (org.). **Um pouco de luz sobre a educação no Brasil e suas causas**. *Boletim de História*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2/3, pp.133-135, jan.-mar./abr.-jun. 1959a.

\_\_\_\_\_. *et al.* (org.). **O que pretendemos**. *Boletim de História*, Rio de Janeiro, ano 1/2, n. 4/5, pp. 7-10, jul.-set./out.-dez. 1959b.

\_\_\_\_\_. *et al.* (org.). **Reforma Universitária e Escola Pública**. *Boletim de História*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 6, pp. 8-9, jan.-jun. 1961.

\_\_\_\_\_. *et al.* (org.). **Críticas de Revistas: assim a imprensa comentou os ns. 2 e 3 do “Boletim de História”**. *Boletim de História*, Rio de Janeiro, ano 1/2, n. 4/5, pp. 189-193, jul.-set./out.-dez. 1959b.

fim de comprovar o envolvimento com o Comunismo Internacional.

<sup>18</sup> A *HNdB* foi uma coleção de livros didáticos destinados ao ensino secundário brasileiro — publicada em março de 1964 pela Campanha de Assistência ao Estudante (Cases). A obra foi concebida na FNFi, peculiarmente pelos alunos responsáveis pela edição do *Boletim de História*, e envolveu diretamente as atividades do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Criticava a historiografia tradicional apresentada nos manuais escolares utilizados no Brasil e objetivava uma inovação no seu conteúdo. Exaltava a necessidade de reformas sociais enquadrando-se no prospecto político do governo João Goulart; possuía uma dimensão política e foi objeto de luta.

BRASIL. Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: DF, 1961. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextointegral.action?id=75529.htm>>. Acesso em: 28 out. 2015.

BRASIL. DECRETO Nº 19.851, DE 11 DE ABRIL DE 1931. **Estatuto das Universidades Brasileiras**. DF, 1931. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

BRASIL. DECRETO Nº 19.852, DE 11 DE ABRIL DE 1931. **Dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro**. DF, 1931. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19852-11-abril-1931-510363-republicacao-85622-pe.html>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

CAVALCANTI NETO, Pedro Celso Uchôa. **Perspectivas atuais para uma historiografia brasileira**. Boletim de História, ano 3, n. 6, pp. 51-60, jan./jun.1961.

FALCÓN, Francisco J. C. **A cadeira de História Moderna e Contemporânea na FNF – UB. Objetivos e Métodos**. Boletim de História, Rio de Janeiro, ano 1/2, n. 4/5, pp.129-137, jul.-set./out.-dez. 1959.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A cadeira de História Moderna e Contemporânea: um espaço de crítica e renovação do ensino de História**. Centro de Pesquisa e documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV. [s.d]. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/4134>>. Acesso em: 25 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **O lado escuro da força: a ditadura militar e o curso de história da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFi/UB)**. História e Historiografia, Ouro Preto, n. 11, pp. 45-64, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/viewFile/572/345>>. Acesso em: 2 set. 2015.

\_\_\_\_\_. *et al.* **Professores estrangeiros na Faculdade Nacional de Filosofia, RJ (1939-1951)**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 78, pp. 59-71, ago. 1991. Disponível em: <

<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/837.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

LINHARES, Maria Yedda; CALMON, Pedro Calmon; VIANNA, Eremildo Luís. **Semana de Estudos Americanos: Relatório do Grupo de Trabalho 4**. Boletim de História, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2/3, pp.147-152, jan.-mar./abr.-jun. 1959.

\_\_\_\_\_. **A cadeira de História Moderna e Contemporânea na FNF – UB. Atividades em 1959**. Boletim de História, Rio de Janeiro, ano 1/2, n. 4/5, pp.117-128, jul.-set./out.-dez. 1959.

PEREIRA, Daniel Mesquita. **Boletim de História: uma experiência de vanguarda na Faculdade Nacional de Filosofia**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

PEREIRA, Ludmila Gama. **O historiador e o agente da História: os embates políticos travados no curso de História da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1959-1969)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2010, pp. 19-72.

TEIXEIRA, Anísio. **Filosofia e Educação**. Boletim de História, Rio de Janeiro, ano 1/2, n. 4/5, pp. 12-25, jul.-set./out.-dez. 1959.

VIANNA, Hélio. **Revisão dos programas de História no Ensino Secundário**. Boletim de História, Rio de Janeiro, ano 1/2, n. 4/5, pp. 103-106, jul.-set./out.-dez. 1959.

WEISS, Arthur Bernardes. **Interpretação de textos, processo de ensino**. Boletim de História, Rio de Janeiro, ano 1/2, n. 4/5, pp. 107-115, jul.-set./out.-dez. 1959.

WERNECK DA SILVA, José Luiz. **Aspectos gerais dos livros didáticos de História (tese de Congresso)**. Boletim de História, ano 3, n. 6, pp.161-171, jan./ jun.1961.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção**. São Paulo: Ática, 1989.

Recebido em 2017-07-07  
Publicado em 2017-11-03